

O desafio da universidade católica

João César das Neves

A universidade é uma das mais notáveis criações do espírito humano. Mas tem no seu centro um terrível paradoxo, uma contradição que assombra toda a sua realidade. Trata-se de uma questão que, no limite, coloca a própria impossibilidade da universidade.

Parte 1 - O desafio da universidade

Quando Jesus Cristo, que é Deus, reza ouvimos Deus falar consigo próprio. Numa das poucas vezes em que sabemos o que foi dito, está referido este drama da universidade: *«Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado.»* (Lc 10, 21).

Esta é a contradição própria e profunda da universidade. Dirigindo-se à sabedoria e ao conhecimento, ela tem de ser guiada por sábios e inteligentes os quais, muitas vezes, são o próprio obstáculo a essa mesma abertura, pois lhe estão escondidas as verdades mais decisivas da existência.

Aqui se situa o problema central da universidade. De toda a universidade. A única especificidade da universidade católica neste pecado original é que, graças à Revelação, tem à partida consciência da dificuldade. Mas todos os universitários, de todas as origens e orientações, se dão conta dela de forma mais ou menos explícita.

As manifestações do paradoxo são miríade. Não há maior cego do que o que não quer ver, e quantas vezes é o próprio conhecimento a causar este pior tipo de cegueira. Só é possível ensinar quem acha não saber. Mas, sendo a realidade aberta ao infinito, quanto mais se sabe mais se precisa de aprender.

O patrono a quem Igreja confiou as universidade expressou esta questão de forma clara. S. Tomás de Aquino, especialmente sábio e inteligente, mas que sempre se manteve muito pequenino, formulou o tema de forma cristalina: *«O estudo é ordenado à ciência. Sem a caridade, esta incha e produz dissensões (...) mas acompanhada da caridade, ela edifica e gera a concórdia»*¹

Esta frase simples manifesta o aspecto central do desafio, apontando três elementos decisivos da sua caracterização. O primeiro é a distinção fundamental entre os dois tipos de trabalho universitário e, conseqüentemente, de universidade, ligados

¹ S. Tomás de Aquino *Suma Teológica* II-II, 188, 5, ad 2.

aos dois efeitos da ciência. No contraste subtil entre “inchar” e “edificar” surge bem a essência do problema. Em ambos os casos a dimensão aumenta, mas a edificação acrescenta matéria, enquanto o inchaço apenas expande a que existia.

O segundo elemento da frase é a apresentação de um teste simples para separar os dois casos. Esta é a distinção entre dissensão e concórdia. Os sábios e inteligentes, inchados no seu saber, criam contendias, enquanto o edifício da verdadeira ciência gera harmonia.

O último elemento é o agente que motiva a diferença, a caridade. Deste modo, o drama central da ciência e da universidade surge ligado à questão geral da sociedade, caracterizada pelo papa Bento XVI na dicotomia *Caritas in Veritate*. Segundo S. Tomás, só na caridade é possível atingir a verdadeira ciência.

O nosso Pontífice explica isso no mesmo documento: «*O saber nunca é obra apenas da inteligência; pode, sem dúvida, ser reduzido a cálculo e a experiência, mas se quer ser sapiência capaz de orientar o homem à luz dos princípios primeiros e dos seus fins últimos, deve ser “temperado” com o “sal” da caridade. A acção é cega sem o saber, e este é estéril sem o amor. (...) há o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor.*» (*Caritas in Veritate* nº 30)

Parte 2 - A virulência do desafio

Este desafio da universidade não constitui apenas um problema abstracto e conceptual, mas traduz-se em dilemas específicos. É possível afirmar até que a contradição essencial está por detrás de todos os problemas concretos da vida universitária. Podemos reconduzir aqui as questões pedagógicas e organizativas, científicas e sociais, estratégicas e operacionais.

Para uma simples ilustração de algumas dimensões particulares, pode usar-se como mera estrutura expositiva a formulação das quatro causas de Aristóteles². Pode assim analisar-se a influência concreta desta contradição através de uma breve consideração das causas final, material, formal e eficiente da universidade.

Ponto 1 - Causa final

A razão de ser da universidade, a sua causa final, são os alunos, aqueles que pretendem nela obter o conhecimento. O beato John Henry Newman começa assim a sua clássica análise da natureza da universidade: «*O objecto primeiro, principal e directo [da universidade] não é a ciência, a arte, a capacidade profissional, a*

² Ver Aristóteles *Física* II 3 e *Metafísica* V 2.

*literatura, a descoberta do conhecimento, mas algum benefício que resulte, por meio da literatura e da ciência, para os seus próprios filhos»*³. Este pequeno trecho mostra bem que a universidade não ensina matérias, ensina pessoas. O estudante é o agente e o propósito da escola.

Um dos maiores problemas que a universidade defronta, consequência do seu desafio fundamental, é que o aluno, mesmo quando é sábio e inteligente, é sempre o mais pequenino. Consequentemente, várias outras coisas na escola parecem mais importantes que esta sua razão de ser. No dia-a-dia é fácil perder de vista a centralidade do estudante quando a eminência de outros factores, de matéria, forma e eficiência, se sobrepõem ao objectivo último do ensino. Em particular três elementos usurpam a finalidade aos estudantes: o conhecimento, o professor e o empregador.

Quando o conhecimento domina a vida académica, a universidade deixa de o ser para se transformar noutra coisa. Se o conhecimento é antigo passa a ser uma biblioteca; se original transforma-se num laboratório. Quando os professores usurpam para si a finalidade da instituição esta passa a ser um clube, se os docentes são comuns, ou um templo, se são eminentes. Finalmente, quando a academia é dominada pelos interesses dos empregadores, ela fica uma oficina, se as actividades são aplicadas, ou um politécnico se são elaboradas.

Claro que uma universidade deve ser um pouco de todas estas coisas. Tem de ser uma biblioteca e um laboratório, deve funcionar por vezes como um clube e outras como um templo, exige-se que pareça uma oficina ou um politécnico. E deve também ser um jardim, um bar, um ginásio, uma feira. Mas além e acima de todas estas coisas tem de ser uma universidade, que combina todos esses aspectos numa síntese superior, dirigida ao bem dos estudantes.

Ponto 2 - Causa material

Se a finalidade da universidade é o futuro dos discentes, a sua causa material está na busca da verdade. Esta função levanta naturalmente várias dificuldades graves num tempo de diversidade e cepticismo. Mas existe um outro ponto mais profundo, a que o Papa Bento XVI aludiu no famoso discurso que nunca chegou a fazer na Universidade de Roma "La Sapienza", a 17 de Janeiro de 2008:

«O homem quer conhecer; quer a verdade. Esta é primariamente algo que diz respeito ao ver, ao compreender, à theoria, como a denomina a tradição grega. Mas,

³ Newman, John Henry (1873) *The Idea of a University*, Yale University Press, New Haven, 1996, Preface, p.4.

a verdade nunca é apenas teórica. Agostinho, ao estabelecer uma correlação entre as Bem-Aventuranças do Sermão da Montanha e os dons do Espírito mencionados no capítulo 11 de Isaías, notou uma reciprocidade entre "scientia" e "tristitia": o simples saber, disse, deixa-nos tristes. E realmente quem se limita a ver e apreender tudo aquilo que acontece no mundo, acaba por ficar triste. Mas, verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem. Este é também o sentido do questionar-se socrático: Qual é o bem que nos torna verdadeiros? A verdade torna-nos bons, e a bondade é verdadeira: tal é o optimismo que vive na fé cristã, porque a esta foi concedida a visão do Logos, da Razão criadora que, na encarnação de Deus, se revelou conjuntamente como o Bem, como a própria Bondade.»⁴

Esta longa citação do Papa manifesta um desafio material muito mais difícil para a universidade do que a simples afirmação da verdade perante um mundo nominalista. Trata-se da afirmação do bem perante um mundo relativista. Numa época que apenas conhece a ciência ou a matemática como absolutos, a verdade talvez ainda consiga cidadania. Mas o bem está definitivamente reduzido à clandestinidade.

Pode dizer-se que esta questão material nasce da verdade que os sábios e inteligentes desta era mais dificuldade têm em compreender: a unidade transcendental entre verdade, bem e ser. Mas ela gera enormes problemas no quotidiano concreto das nossas escolas.

Em particular devem referir-se aqui os jovens que, além de obterem conhecimentos na universidade, estão numa fase particularmente sensível da formação do seu carácter. Neste tempo em que se apregoa a «aprendizagem ao longo da vida» e o regresso à escola em várias fases da carreira, este elemento parece secundarizado. Apesar disso, a maior parte dos utentes das nossas universidades continuam a estar no final da juventude e início da vida adulta, precisamente na fase em que buscam a sua identidade e o seu lugar na sociedade. Para eles, a presença patente e declarada do bem na universidade é ainda mais importante que a da verdade.

Hoje é costume as escolas indagarem do sucesso empresarial dos seus licenciados, medindo assim a própria qualidade lectiva. Mas muito mais importante do que a promoção profissional, seria saber se os nossos antigos alunos são tristes. Se aqui, além dos conhecimentos, também encontraram o bem.

⁴ Bento XVI *Discurso na Universidade de Roma "La Sapienza"*, previsto para o dia 17 de Janeiro de 2008.

Ponto 3 - Causa formal

A universidade pode ter problemas de causa final e material, mas a sua própria natureza deveria chegar para definir as questões formais. Existe no entanto um elemento na forma que séculos de experiências pedagógicas e reformas académicas não conseguiram resolver, e que foi apontado originamente por Aristóteles:

Diz ele, na formulação do comentário tomista: *«Aquilo que foi referido relativamente à amizade, que consiste na comunicação da virtude, deve também ser dito sobre a comunicação da filosofia, por exemplo entre o professor e o estudante. O valor da filosofia para alguém que aprende não pode ser medido em dinheiro, nem poderá o discípulo alguma vez pagar um preço equivalente ao mestre. Mas talvez essa comunicação baste, como para com Deus e os pais»*⁵

Esta ideia de Aristóteles conduz-nos directamente ao desafio central da universidade. Aquilo que todos devemos aos nossos mestres e à nossa escola é incomensuravelmente superior ao que alguma vez lhes poderíamos pagar. Mas esta é a mesma posição em que todos estamos face a Deus, aos nossos pais e aos nossos amigos. A única maneira de conseguir alguma justiça nesta relação é através da partilha da virtude, forma suprema de amizade. Precisamente aquela que temos para com Deus e os nossos pais. Compreendendo esta disparidade e adoptando esta atitude até os sábios e inteligentes se transformam em pequeninos.

Ponto 4 - Causa eficiente

A universidade é uma das criações mais notáveis do espírito humano, mas para se concretizar ela tem de assegurar várias condições básicas, que se tornam muito difíceis devido ao paradoxo no seu núcleo mais central. Precisa de, no meio da complexa busca do conhecimento, nunca esquecer que a sua finalidade última é a formação dos estudantes. Necessita de juntar a verdade ao bem, numa síntese que forme o carácter ao mesmo tempo que fornece instrumentos de actuação. Tem de o fazer numa relação de enorme desequilíbrio entre valores, onde aquilo que damos e recebemos é muito mais do que podemos pagar.

Deste modo, a manifestação mais evidente da contradição essencial está necessariamente na sua causa eficiente. Se isto é assim, como pode surgir uma verdadeira universidade? Se tomarmos a sério as exigências que atrás vimos, contrastando-as com a fragilidade concreta das nossas escolas e os obstáculos que

⁵ A ideia original está em *Ética a Nicómaco* IX, i, 1157b1-7. A frase aqui citada é a formulação do comentário de S. Tomás de Aquino em *Comentário à Ética a Nicómaco* IX, 1, par. 1768.

defrontam no quotidiano, estamos definitivamente colocados perante a impossibilidade da universidade.

Esta pergunta é paralela a uma outra que, face a problema semelhante, foi feita há muito tempo. «*Ao ouvir isto, os discípulos ficaram estupefactos e disseram: “Então, quem pode salvar-se?”*» (Mt 19, 25). Nós conhecemos a resposta a essa interrogação, que afinal é fundamentalmente a mesma que aqui fazemos: «*Fixando neles o olhar, Jesus disse-lhes: “Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível.”*» (Mt 19, 26).

Deste modo, compreendemos o verdadeiro desafio da universidade, que todas as escolas do mundo testemunham, mas que as universidades católicas conhecem pelo nome. O desafio da universidade, de toda a universidade, é reconhecer que ela é propriamente um milagre.

Muito obrigado